

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES – Versão do Professor

1º ciclo do 2º bimestre da 1ª série

Eixo bimestral: **POESIA NO BARROCO / TIRINHA E CHARGE**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Andréia Castro

Conteudistas

Gisele Heffner

Maria de Fátima Costa

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2014

TEXTO GERADOR I

O texto gerador I é exemplar da produção lírica de um dos mais expressivos poetas barrocos, Gregório de Matos Guerra. Este poema representa sua vertente religiosa, apresentando traços herdados da fé medieval. A partir dele, serão trabalhadas uma questão de Uso da Língua e uma de Leitura.

A Jesus Cristo Nosso Senhor estando o poeta para morrer

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,

Em cuja fé protesto de viver;

Em cuja santa lei hei de morrer,

Amoroso, constante, firme e inteiro:

Neste transe, por ser o derradeiro,

Pois vejo a minha vida anoitecer,

É, meu Jesus, a hora de se ver

A brandura de um pai, manso, cordeiro

Mui grande é vosso amor, e o meu delito:

Porém, por ter fim todo o pecar;

Mas não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar

Que por mais que pequei, neste conflito

Espero em vosso amor de me salvar.

Gregório de Matos

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

Questão 1:

Palavras antônimas são aquelas que possuem significados opostos entre si. Nas obras barrocas, o jogo de palavras antônimas foi bastante explorado devido à sua capacidade de expressar ideias contrárias.

A. Observe os pares de palavras, destacadas do texto gerador I, e marque a alternativa em que há antônimos:

(A) manso / cordeiro

(B) viver / morrer

(C) firme / inteiro

(D) amor / delito

Habilidade trabalhada: *Identificar problemas gerais de língua culta: homônimos, parônimos, sinônimos, antônimos, uso dos porquês.*

B. Para exprimir a tensão entre os sentimentos contraditórios, característicos da estética Barroca, o poeta utiliza, principalmente, as figuras de linguagem antítese e paradoxo. Observe os versos, retirados do texto gerador I, e marque a opção na qual identificamos uma antítese:

(A) “Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,

Em cuja fé protesto de viver;”

(B) “Neste transe, por ser o derradeiro,

Pois vejo a minha vida anoitecer,”

(C) “Porém, por ter fim todo o pecar;

Mas não o vosso amor, que é infinito.”

(D) “Esta razão me obriga a confiar

Que por mais que pequei, neste conflito”

Habilidade trabalhada: *Identificar figuras de linguagem como antítese e paradoxo nos poemas barrocos.*

Resposta Comentada:

O texto gerador I é um exemplo da poesia barroca de vertente religiosa. Essa vertente, por ser marcada pelas reflexões espirituais da fé cristã, apresenta uma oposição entre as questões que envolvem a Teologia, ou seja, morte/vida; pecado/salvação; céu/inferno; carne/espírito. Para que o aluno seja capaz de relacionar essa temática à estrutura textual típica do Barroco, pode-se, inicialmente, estimular o desenvolvimento das habilidades de Uso da Língua: (a) identificar antônimos e (b) identificar as figuras de linguagem antítese e paradoxo, de forma conjunta. Essa é a proposta da questão 1.

A. Levando em consideração somente a explicação contida no enunciado, o aluno pode identificar a alternativa correta, **viver e morrer**, letra B, pois essa é a única que apresenta dois vocábulos com significados opostos. Todavia, caso os alunos demonstrem dificuldade em reconhecê-la, pode-se destacar que, na letra A, há dois vocábulos que podem ser considerados sinônimos, manso/cordeiro. Já nas alternativas C e D, os pares apresentados não possuem nem uma relação de oposição nem uma relação de semelhança. Na letra C, a palavra firme teria como antônimo frouxo, e não inteiro. Na letra D, amor teria como antônimo a palavra ódio, e não delito.

A partir da análise dos pares, vale a pena debater com os alunos as diferentes relações semânticas entre as palavras. Nesse debate, pode-se ressaltar os diferentes matizes de significado das palavras, especialmente no que tange aos sinônimos.

Por fim, vale lembrar que esses matizes – que geram aproximações e afastamentos de sentido – são demasiadamente explorados nos textos literários, conforme se mostra na letra b desta questão.

B. Inicialmente, é interessante que se defina, para os alunos, antítese como uma figura de pensamento que contrapõe uma palavra ou frase à outra, de significação oposta¹. Vale destacar que essa relação de oposição entre ideias pode ser estabelecida de forma assimétrica do ponto de vista sintático – entre uma expressão e uma palavra ou entre palavras de classes diferentes –, pois esse é o caso da antítese a ser identificada na questão.

A partir daí, pode-se analisar as alternativas A, B e D, que não apresentam contraposição de ideias. Pelo contrário, na letra A, observa-se a utilização de palavras que remetem ao mesmo âmbito de ideias, como “Deus” e “fé”, assinalando a religiosidade do eu lírico. Na letra B, pode-se, primeiramente, destacar a presença da metáfora “minha vida **anoitecer**”, para, depois, ressaltar a congruência de palavras que sinalizam a ideia de aproximação da morte. Na letra D, pode-se demonstrar a utilização, ao fim dos versos, de “**confiar**” e “**conflito**”, palavras com sons parecidos, mas significados diferentes – nem opostos, nem semelhantes –, criando uma paranomásia.

Finalmente, pode-se apresentar a antítese presente na alternativa C, formada a partir da oposição de ideias entre a expressão **ter fim**, e a palavra **infinito**. O adjetivo infinito refere-se à característica de “não ter fim”; em oposição à ideia de “ter fim”. Neste ponto, é interessante discutir com a turma a relação entre as palavras antônimas e a antítese, demonstrada pela questão 1.

Também é essencial debater com a turma o contraste de ideias exposto por essa antítese: a infinitude do amor divino em relação à finitude do pecar humano. Depois, pode-se analisá-la dentro do contexto do poema, de modo a ilustrar a crise espiritual barroca, entre religião e razão; afinal, essa é a função da antítese – que ultrapassa a

simples utilização de palavras antônimas. Para enriquecer essa análise em conjunto com a turma, vale a pena recorrer à seção *Como ensinar?* das Orientações Pedagógicas.

TEXTO GERADOR II

O texto gerador II constitui a vertente amorosa da produção de Gregório de Matos. A lírica amorosa do poeta inspira-se explicitamente nos poetas clássicos como o português Luís de Camões. Por isso, pode-se observar a idealização da mulher. A partir deste texto, serão abordadas questões de Leitura e Uso da Língua.

A Maria dos Povos, sua futura esposa

Discreta, e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca, o Sol e o dia:
Enquanto com gentil descortesia
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:
Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.
Oh, não aguardes, que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Gregório de Matos

Questão 2

O Cultismo é um traço do estilo Barroco caracterizado pelo extremo cuidado na elaboração da forma do texto. Os poemas cultistas apresentam muitas figuras de linguagem, como metáforas, antíteses e paradoxos, e ainda revelam uma escolha criteriosa de palavras para atingir uma expressão literária mais culta.

No texto gerador II, identifique o jogo de palavras utilizado para:

- a) descrever o rosto da Maria.
- b) descrever o balanço dos cabelos de Maria ao vento.
- c) descrever os efeitos do tempo para a beleza juvenil.

Habilidade Trabalhada: *Identificar o jogo de palavras do Cultismo por meio da utilização das figuras de linguagem.*

Resposta comentada:

A questão solicita do aluno a observação de um traço marcante da literatura barroca: o Cultismo. Essa opção estilística, mais comum na poesia, reflete o excesso, a teatralização e os contrastes da estética barroca. É possível observar, nas artes plásticas, grande riqueza de detalhes, abundância das formas e oposição entre claro e escuro, assim como é notável na literatura uma rigorosa seleção vocabular e expressivo emprego de figuras de linguagem. Portanto, o Cultismo seria uma construção que busca atingir uma expressão literária mais rebuscada.

No poema em análise, observa-se uma descrição idealizada de Maria, cuja beleza é motivo para metáforas, antíteses e paradoxos. Cada estrofe se concentra em um tema.

1. Na primeira estrofe, para descrever o rosto de Maria, as faces rosadas são aproximadas, através da **metáfora**, à Aurora, o que provavelmente levará o

aluno a relacionar a cor rosa com o período que antecede o nascer do sol. Embora seja uma observação correta, é importante destacar que o substantivo está grafado com inicial maiúscula, por referir-se à deusa do amanhecer, Aurora, da mitologia romana. Ainda no primeiro quarteto, o último verso focaliza os detalhes do olho e da boca, comparando-os, por meio de novas **metáforas**, ao Sol e ao dia, respectivamente. Novamente, a inicial maiúscula em Sol tem sugestão mitológica. Para os gregos, Hélios representava o deus do Sol, que avançava, diariamente, de leste a oeste com sua intensa luz.

Nos dois versos, as metáforas empregadas são sofisticadas e têm um forte apelo visual. Essa referência à antiguidade greco-latina consiste em mais uma característica barroca. Neste poema de Gregório de Matos, ela reforça o traço cultista ao contribuir para o rebuscamento pretendido. Vale ainda destacar que a própria seleção de duas divindades para enaltecer a beleza do rosto de Maria configuraria uma nova figura de linguagem, a **hipérbole**, explícita no superlativo do primeiro verso “Discreta, e formosíssima Maria”.

2. O segundo quarteto descreve o balanço dos cabelos de Maria ao vento. É possível que os alunos apresentem alguma dificuldade de leitura devido à complexa inversão sintática da estrofe. Trata-se da figura de linguagem do **hipérbato**, outro recurso cultista de construção poética. Para auxiliar a compreensão, pode-se mostrar aos alunos que há três eventos concomitantes: Maria passeando (“Quando vem passear-te pela fria”), o ar espalhando os cabelos (“O ar/ Te espalha a rica trança voadora/ com gentil descortesia”) e, finalmente, Adônis namorando Maria (“que fresco Adônis te namora”). Em síntese, é como se disséssemos: toda vez que passeia, Maria é namorada por Adônis enquanto tem seus cabelos agitados pelo vento.

Outra construção que salta aos olhos é “gentil descortesia”, logo no primeiro verso desta estrofe. Trata-se de um contraste inconciliável, impossível e, por isso, classificado como **paradoxo**. Esses termos justapostos referem-se ao

modo como o ar balança os cabelos de Maria. Seria algo descortês, porque os cabelos seriam bagunçados, o penteado desfeito; porém, seria gentil, ao permitir o espetáculo dos fios da musa em movimento. Nesse ponto, importa chamar a atenção para dois detalhes. Primeiramente, a figura da **prosopopeia** ou **personificação**, visto que o ar toma uma atitude humana, a de espalhar. Em segundo lugar, observa-se que o poeta constrói uma cena animada (e não uma imagem estática), outra marca da estética barroca.

A menção a Adônis também requer um olhar atento. Segundo a mitologia, o caçador Adônis foi o homem mais belo da Grécia. O fascínio que despertava era tal que até Afrodite, a própria deusa da beleza, apaixonou-se por ele. Em uma das versões do mito, quando o jovem e belo caçador morreu, vítima de um grave ferimento, a inconsolável Afrodite misturou néctar ao sangue de Adônis, criando uma flor de cor vermelha: a anêmona. Tal como o jovem, a flor também teria vida curta, por ser despetalada pelo vento logo depois de florescer. Assim, observa-se que Maria é implicitamente comparada à própria Afrodite (“que fresco Adônis te namora”). Ao mesmo tempo, a musa é aproximada à flor anêmona, desfeita pelo vento. Esse aspecto alerta para a passagem do tempo, tema bastante caro ao Barroco e explicitado nos tercetos.

3. A penúltima estrofe tem início com um conselho: “Goza, goza da flor da mocidade”. O eu-lírico, depois de reconhecer a beleza da jovem Maria, tenta alertá-la para a importância de viver o presente e aproveitar a juventude, pois o tempo, **metaforicamente** na figura de um cavalo, é veloz (“Que o tempo trota a toda ligeireza”) e cruel (“E imprime em toda a flor sua pisada”). A referência ao cavalo também pode ser observada pelo prisma mitológico. Cronos, o titã identificado com o tempo, assumiu a forma equina ao se unir à Fílira, com quem teve Quíron, centauro (metade homem, metade cavalo) sábio e mestre de vários heróis, como Aquiles. Na estrofe final, o conselho continua, mas por meio de uma **antítese** com o primeiro verso do terceto anterior. Observa-se a oposição entre “mocidade” e “madura idade”.

O poema se encerra com a **metáfora** beleza/flor sofrendo os efeitos danosos e implacáveis do tempo. No último verso, o poeta se utiliza de novas **metáforas** para a morte e as dispõe numa ordem que potencializa a ideia de fim, através da figura de linguagem da **gradação** (“Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada”).

Como estratégia para a leitura do poema, você pode mostrar aos alunos algumas telas relativas aos deuses e aos mitos, além de uma imagem da flor anêmona. O recurso visual auxilia no esclarecimento das muitas referências presentes no texto e, ainda, enriquece a interpretação.

Questão 3

Leia os fragmentos a seguir:

“Período histórico entre a Antiguidade e a Época Moderna, a Idade Média (...) caracterizou-se por um fracionamento da autoridade política e um enfraquecimento da noção de Estado, tendo em conta a organização e centralidade romanas. (...) Socialmente, existia uma divisão em três grupos distintos: dois poderosos, a nobreza, guerreira e proprietária, e o clero, dominador mental e culturalmente, e um pobre, servil e majoritariamente camponês, o povo. A Igreja (...) se assume como o “farol” da Idade Média, moldando mentalidades, difundindo cultura e impondo uma influência política determinante”.

[*Idade Média*. In **Infopédia** (on line). Porto: Porto Editora, 2003-2012 (fragmento adaptado). [Quebra Suave] Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$idade-media](http://www.infopedia.pt/$idade-media). Acesso em: 02/04/2012.]

“À medida que a sociedade vai se liberando do amplo domínio da Igreja, a arte vai se voltando mais para a realidade, valorizando o homem e colocando-o como o centro ao redor do qual gira o mundo. Esse antropocentrismo, oposto ao teocentrismo medieval, caracteriza o Renascimento, identificado pela valorização da razão, pelo culto aos valores da Antiguidade Clássica e pelo humanismo”.

[CADERMATORI, Lígia. **Períodos Literários**. São Paulo: Ática, 1995, p.17.]

O período barroco representou artisticamente a tentativa de conciliar os valores religiosos herdados da Idade Média e os valores humanistas ligados ao Renascimento. A partir dos poemas de Gregório de Matos, destaque:

- A. do texto gerador I, elementos característicos da religiosidade medieval, ou seja, ligados ao teocentrismo (Deus como centro do universo).
- B. do texto gerador II, elementos ligados ao Humanismo, ou seja, representantes do antropocentrismo (o homem como centro do universo).

Habilidade Trabalhada: *Reconhecer a intertextualidade na referência à tradição medieval e humanista no Barroco.*

Resposta comentada

As referências medievais e humanistas apresentam-se tencionadas na estética barroca. Vale destacar aos alunos que não se trata de mera exposição do quadro estático de diferenças entre os elementos espiritualizados de um lado e os valores terrenos de outro, mas da composição de uma cena de conciliação dramática e impossível. A questão, porém, solicita o reconhecimento dessas referências separadamente. Com efeito, observa-se a predominância de traços medievais no primeiro poema e de traços humanistas no segundo texto.

- A. O aluno, possivelmente, destacará do primeiro poema as menções a Deus ou a Jesus Cristo, além das referências à fé, à santa lei, ao pecado e ao madeiro que, por metonímia, lembram o sacrifício de Jesus na cruz. A fim de complementar a análise, é válido comentar com os alunos o emprego dessas alusões por parte do poeta. Na primeira estrofe do soneto, observa-se um apelo ao amor divino por meio do reconhecimento do sacrifício da cruz. O eu-lírico ainda afirma a sua fé (“Em cuja fé protesto de viver;/Em cuja santa lei hei de morrer”). Na segunda estrofe, o eu-lírico admite ser aquela a sua última oração (“transe derradeiro”) e apela à misericórdia de um pai (“A brandura de um pai, manso, cordeiro”). Nos tercetos, o amor e o pecado são reconhecidos como grandes; porém, sendo eterno o amor divino e finito o pecado humano, o eu-lírico pode confiar que terá o seu perdão. Este poema admite a existência de uma vida espiritual, explicita a importância de Deus na vida do homem e lembra a submissão à vontade divina – tipicamente medieval.
- B. Certamente as referências ao Humanismo não parecerão tão claras aos alunos, em função da presença de elementos da cultura greco-romana. No entanto, é visível a ausência de citações religiosas. É importante destacar para os alunos

que, no segundo poema, sobram referências ao corpo (faces, olhos, boca, cabelos), numa nítida valorização do homem. O próprio adjetivo “formosa”, usado no superlativo, já é bastante revelador. O foco da composição é a beleza física e, portanto, o humano e o terreno estão em evidência. Para facilitar a exposição aos alunos, pode-se fazer a seguinte síntese:

- referências ao corpo humano através do rosto e cabelos de Maria: “Em tuas faces a rosada Aurora/ Em teus olhos e boca, o Sol e o dia” e “Te espalha a rica trança voadora”;
- referências ao comportamento humano: “O ar, que fresco Adônis te namora”;
- referências ao terreno, por meio de alusões à morte: “Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada”.

Ao final do poema, a musa é alertada quanto à efemeridade da vida; porém, nem mesmo nos tercetos, é Deus quem sentencia a morte, mas o tempo que, embora seja implacável e cruel (“Que o tempo trota a toda ligeireza,/E imprime em toda a flor sua pisada”), está destituído de qualquer caráter divino. Apesar de ser uma figura idealizada, a musa é comparada com divindades pagãs da cultura clássica greco-romana, forte inspiração para a estética barroca. Os deuses gregos e, por extensão, os latinos eram antropomorfizados, temperamentais e vingativos, em nada parecidos com o Deus absoluto e infalível da Idade Média.

TEXTO GERADOR III

Gregório de Matos, além das vertentes religiosa e amorosa, destacou-se por seus poemas satíricos, como o que segue. Nesses textos, o poeta criticou acidamente a sociedade baiana de seu tempo, o que lhe rendeu o apelido de Boca do Inferno. A partir do seguinte exemplar satírico, será trabalhada uma questão de Leitura e proposta a reflexão para a Produção Textual.

Descreve o que era realmente

Naquelle tempo a cidade da bahia

De mais enredada por menos confusa.

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar a cabana, e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.
Em cada porta um frequentado olheiro,
Que a vida do vizinho, e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,
Para a levar à Praça, e ao Terreiro.
Muitos Mulatos desavergonhados,
Trazidos pelos pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.
Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a cidade da Bahia.

ATIVIDADE DE LEITURA

Questão 4

A fim de apresentar sua visão global da cidade da Bahia, Gregório descreve, em cada estrofe, determinado segmento da sociedade. Sintetize, a partir da leitura do texto, a crítica direcionada a cada um desses segmentos da sociedade baiana da época.

Habilidade Trabalhada: *Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto.*

Resposta comentada

A questão solicita que, a partir de um exemplar satírico, o aluno relacione o modo de organização da linguagem, neste caso o descritivo, com as denúncias e caricaturas desenvolvidas por Gregório de Matos. Neste soneto, a Bahia é descrita subjetivamente. Em cada estrofe do poema, é tecida uma crítica a determinado segmento da sociedade baiana.

Na primeira estrofe, Gregório critica o segmento dos governantes, classificando-o como pretensioso e incompetente, já que eles “não sabem governar sua cozinha, / E [acham que] podem governar o mundo inteiro”. Levando em consideração o contexto histórico da época, o poeta se refere, provavelmente, às autoridades coloniais.

Na segunda estrofe, o segmento alvo da crítica é o povo (ou a vizinhança), caracterizado como fofoqueiro, olheiro ou fútil, pois se ocupa demasiadamente com a vida dos vizinhos – “Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha”.

Na terceira estrofe, o segmento criticado é a sociedade como um todo, que, constituída pela nobreza e pelos mulatos (mestiços de branco e negro), é classificada como desavergonhada ou pícara. Com relação a este aspecto, vale ressaltar para os alunos que Gregório de Matos era extremamente crítico em relação à miscigenação, compreendendo a sociedade brasileira como confusa.

Na quarta estrofe, a crítica é direcionada à economia e à corrupção. Isso porque, além de caracterizar o preço das mercadorias ou os juros (usuras) como estupendos, exagerados, o poeta destaca a pobreza daqueles que não roubam, consolidando a existência de corrupção e desigualdades sociais na época descrita.

É interessante os alunos perceberem que o poeta não concordava com os costumes dos segmentos comentados por ele e que, do conjunto das descrições feitas em cada estrofe, pode-se recuperar o ponto de vista pessimista do poeta em relação ao contexto social da Bahia naquela época.

TEXTO GERADOR IV

O texto gerador 4 pode auxiliar o aluno a perceber a crítica político-social comum à charge e à sátira de Gregório de Matos, cada um em seu tempo. Além disso, interpretar uma charge – gênero carregado de humor e crítica em relação à sociedade atual – pode contribuir para a atividade de produção textual.



Fonte: <http://cgnasentrelinhas.blogspot.com.br/2012/03/charge-do-dia.html> – Gilmar

ATIVIDADE DE LEITURA

Questão 5

Gregório de Matos ficou conhecido como *Boca do Inferno* por suas poesias satíricas, que ridicularizavam os costumes sociais da sociedade baiana de seu tempo. Hoje, as charges possuem uma função social semelhante: zombar de personalidades, acontecimentos ou instituições relacionadas ao contexto político-social em vigor.

Relacione a situação ilustrada na charge ao contexto político-social atual.

Habilidade trabalhada: *Identificar na charge a relação entre o texto e o contexto político, histórico e social, analisando a ideologia subjacente no gênero.*

Resposta comentada

É interessante discutir com o aluno a estreita relação temática e ideológica que a charge possui com a poesia satírica, uma vez que denuncia ao mesmo tempo em que faz rir. Porém, diferentemente da poesia, para satirizar, o chargista explora, além da linguagem verbal, a **linguagem não verbal**.

Sendo assim, pode-se solicitar aos alunos que, a partir de uma análise da linguagem não verbal, identifiquem o **cenário** ilustrado na charge. Os degraus irregulares e o casebre de madeira sugerem que o ambiente retratado é uma comunidade carente. Depois, seria interessante pedir que a turma compare o **nível social** de cada personagem. Para auxiliar os alunos a caracterizarem o nível social da personagem à esquerda, pode-se destacar a aparência mais magra, com roupas casuais, e o fato de a personagem estar sentada em frente ao “barraco”, como um morador, integrado ao espaço. Com relação à outra personagem, pode-se ressaltar a aparência mais opulenta, o uso de blusão e gravata e o fato de ele estar suando após subir as ladeiras da comunidade às quais não está acostumado – características de uma pessoa pertencente a uma classe econômica e social superior. Para finalizar a análise da charge, pode-se focalizar a **linguagem verbal**. O questionamento do morador permite que o aluno identifique o momento sociopolítico de que trata a charge: o período eleitoral.

Por fim, pode-se desafiar os alunos a identificarem a **ideologia** subjacente à charge. É importante levar o aluno a relacionar a situação ilustrada (a) à intenção do artista de levar o leitor a refletir sobre a escolha dos seus representantes políticos e (b) ao ceticismo do autor quanto a possíveis mudanças sociais ocasionadas por ações políticas. Dessa forma, o aluno poderá reconhecer não só a estrita relação que a charge tem com os acontecimentos político-sociais como também sua função de satirizar esses acontecimentos, transmitindo, assim, a ideologia do artista como cidadão.

TEXTO GERADOR V

O texto gerador V é o fragmento de um dos mais importantes sermões do padre Antônio Vieira. Devido à qualidade de suas obras, esse padre é figura essencial da vertente conceptista na prosa barroca. O trecho do célebre *Sermão da Sexagésima* permitirá a abordagem de questões de Leitura e Uso da Língua.

[II] Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? [...]

[IX] Sabeis, Cristãos, a causa por que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações? – é porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Falo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deus (como dizia) é tão poderosa e tão eficaz, que não só na boa terra faz fruto, mas até nas pedras e nos espinhos nasce. [...]

[X] A pregação que frutifica, a pregação que aproveita, não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe dá pena. [...] quando o ouvinte vai do sermão para casa confuso e atônito, então é a pregação qual convém, então se pode esperar que faça fruto. [...]

Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões: não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições e, enfim, todos os seus pecados. Contanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós. *Si hominibus placerem, Christus servus non essem* – dizia o maior de todos os pregadores, S. Paulo: ‘Se eu contentara aos homens, não seria servo de Deus’. Oh, contentemos a Deus, e acabemos de não fazer caso dos homens!

VIEIRA, padre Antônio Vieira. Sermões. Rio de Janeiro: Agir, 1968. (Fragmento adaptado).

ATIVIDADE DE LEITURA

Questão 6

Nos textos argumentativos, podemos reconhecer: (i) uma tese e (ii) um ou mais argumentos. A **tese** é a ideia que o autor defende a partir de **argumentos**. Sabendo que o texto gerador X é um texto argumentativo, responda:

1. **Sublinhe**, no texto, a tese defendida pelo Padre Vieira para responder à pergunta-problema “Sabeis, Cristãos, a causa por que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações?”. Depois, **explícite** essa tese.
2. Após identificar a tese, podemos reconhecer os argumentos usados pelo autor transformando a tese em uma pergunta com “Por que”. **Envolva**, no texto, o argumento que o autor apresenta para comprovar essa tese.
3. Por que o autor teria escolhido usar o modo de organização argumentativo?

Habilidade Trabalhada: *Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto*

Resposta comentada

É interessante iniciar a análise da questão mostrando que a argumentação é uma ação verbal pela qual se leva uma pessoa e/ou todo um auditório a aceitar uma determinada tese, valendo-se, para tanto, de recursos que demonstrem a consistência dessa tese. Dessa forma, argumentação é um termo que se refere tanto a esse ato de convencimento quanto ao conjunto de recursos utilizados para realizá-lo². Por meio desta questão, pode-se exemplificar essas características da argumentação.

A. Para responder por que a palavra de Deus faz hoje tão pouco fruto, Vieira defende a ideia de que as palavras dos pregadores “são palavras, mas não são palavras de Deus”. Para que os alunos sejam capazes de explicitar essa tese, é importante estimulá-los a reler todo o fragmento do Sermão. Assim, poderão reconhecer que,

para o Padre Vieira, as palavras de Deus pregadas no sentido que Deus as disse, essas sim são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que os pregadores querem ou utilizam, “não são palavras de Deus”. Em outras palavras, os pregadores devem tomar as palavras da Escritura em seu verdadeiro sentido, como Cristo as pregou, semeou. Pode-se ainda comentar que, de acordo com a tese do Padre Vieira, os pregadores andavam tomando as palavras da Escritura em sentido alheio e torcido, de acordo com as conveniências humanas. Porém, se as palavras de Deus fossem semeadas em seu verdadeiro sentido, elas frutificariam.

B. No sermão, o aluno deve reconhecer que, para defender a tese de que os pregadores apenas usam as palavras, mas não as palavras de Deus, Vieira utiliza como argumento a força e a eficácia da própria palavra de Deus: “A palavra de Deus (como dizia) é tão poderosa e tão eficaz, que não só na boa terra faz fruto, mas até nas pedras e nos espinhos nasce”. Assim, ele justifica o fato de a palavra de Deus – e somente ela – frutificar até em lugares impossíveis, diferentemente das palavras dos homens, que, por mais que sejam semeadas, não frutificam. Por fim, vale destacar para os alunos que, nos sermões, os argumentos são fundamentais para convencer e persuadir os fiéis. No Sermão da Sexagésima, o argumento em questão corrobora a tese de que a perda de fiéis da Igreja se deve à incompetência de alguns pregadores, mas não de Deus. Assim, exalta-se a força de Deus e de suas palavras.

C. O *Sermão da Sexagésima*, proferido na Capela Real a um público composto por católicos da nobreza portuguesa em 1655, propõe-se a discutir “por que não frutifica a palavra de Deus na terra”. Nessa discussão, o Padre António Vieira examina e refuta diversas hipóteses antes de defender sua tese. Predomina, portanto, o modo de organização argumentativo.

Para que os alunos sejam capazes de reconhecer as razões para o padre ter escolhido utilizar-se desse tipo de organização do discurso, é importante levá-los a identificar o objetivo de um sermão. Para tanto, vale destacar que o sermão é um

discurso religioso, pregado no púlpito (tribuna), para um auditório repleto de fiéis dispostos a ouvir as ideias do sacerdote. Seu objetivo é convencer – levar à aceitação de uma ideia – e persuadir – induzir a uma ação ou decisão – seu público ouvinte acerca de determinado tema. É interessante esclarecer que, à convicção, basta o entendimento; mas, à persuasão, é necessária a emoção.

Para que reconheçam, no *Sermão da Sexagésima*, do que o padre pretendia convencer e persuadir seu público, é interessante lembrar o contexto religioso turbulento vivido, tanto no Brasil quanto na Europa, no período do Barroco. A Igreja Católica sofreu uma grande perda de fiéis devido à Reforma de Lutero. Daí, pode-se constatar o objetivo do *Sermão da Sexagésima*³, com função metalinguística, de (i) justificar o fato de a palavra de Deus dar tão pouco fruto, que se relaciona à decadência da Igreja Católica, e (ii) persuadir os ouvintes a se aterem à palavra de Deus, às escrituras sagradas, em suas pregações, na tentativa de restaurar a posição da Igreja Católica.

A partir dessa análise, pode-se demonstrar que, Vieira precisava, primeiro, convencer o leitor da verdade da proposição em análise. Assim, tornava-se possível levar o ouvinte a implicar-se no texto, através da criação de uma cumplicidade entre orador e ouvinte, de modo que este se torne predisposto a aceitar os pontos de vista apresentados. Para isso, ele se utilizou de toda a sua técnica argumentativa, ao longo de dez capítulos.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

Questão 7

O Conceptismo é um traço do estilo Barroco caracterizado pelo privilégio da expressão do raciocínio, por meio do jogo de ideias e de recursos argumentativos. Ao fim da pregação do texto gerador V, o padre Vieira fez uso de um recurso

argumentativo para persuadir seu público: a citação. **Transcreva** do fragmento um exemplo de uso desse recurso e **relacione-o** ao Conceptismo.

Habilidade Trabalhada: *Reconhecer o Conceptismo nas estratégias de persuasão do sermão religioso barroco.*

Resposta comentada

Ao longo do *Sermão da Sexagésima*, Vieira utiliza-se do Conceptismo, do raciocínio engenhoso, com o propósito de ensinar, persuadir e convencer o público. Na peroração (conclusão) do fragmento, o autor traz à memória dos ouvintes os principais argumentos defendidos em relação à pregação que frutifica. Sua estratégia persuasiva é comover e mover o ânimo dos ouvintes à ação. A ação é: sair descontente de si dos sermões. Para fundamentar essa ação, se utiliza de um recurso argumentativo: a **citação**. A marca linguística própria do discurso citado é a utilização do uso de aspas, cuja função é destacar transcrições textuais.

Ao citar o apóstolo São Paulo (“Se eu contentara aos homens, não seria servo de Deus”), Vieira sustenta não só a tese defendida (o pouco fruto da palavra de Deus), mas também a própria argumentação com vistas à ação. O professor pode aproveitar o momento e orientar o aluno de que não é só no *Sermão da Sexagésima* que Vieira costuma usar a citação de textos bíblicos para fundamentar os seus argumentos e persuadir o ouvinte, ele a utiliza na maioria de seus sermões.

No fragmento, Vieira usa esse recurso para demonstrar aos ouvintes que a autoridade bíblica, São Paulo, é um especialista no assunto religioso da matéria em discussão. Logo, é uma autoridade incontestável quando diz que todo ouvinte deve sair descontente de si das pregações, pois aquele que contenta aos homens não é servo de Deus. A fonte citada é, portanto, uma fonte confiável, de prestígio. O uso desse recurso tem por objetivo maior fazer com que Vieira consiga adesão à sua tese, buscando com isso dar à própria fala o prestígio e a autoridade de outrem, citando de São Paulo o que

entende como conveniente à sustentação que está fazendo: não se pode contentar aos homens somente a Deus para que a mesma palavra de Deus frutifique.

Vale ressaltar que a citação pode servir tanto para reforçar como para desautorizar uma atividade argumentativa e requer, por isso, que o autor saiba não só interpretar, mas também fazer os recortes convenientes das falas e integrá-los, de modo que produzam os melhores efeitos persuasivos. Esse intuito persuasivo pode ser reconhecido a partir do uso da interjeição e da apóstrofe, logo após a citação, impressionando o auditório: “Oh, contentemos a Deus, e acabemos de não fazer caso dos homens!”.

Questão 8

Os diferentes “**porquês**” estruturam enunciados interrogativos ou explicativos e se diferenciam por sua grafia. Observe as seguintes frases e responda ao que se pede:

*“Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? (...) é **porque** as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus.” (Sermão da Sexagésima – Padre Antônio Vieira)*

*“**Por que** devo votar em você?” (Charge – Gilmar)*

1. Em qual frase o porquê aponta uma interrogação?
2. Em qual frase o porquê expressa uma explicação?
3. A partir dos enunciados apresentados, qual a diferença gráfica entre o porquê explicativo e o interrogativo?

Habilidade trabalhada: *Identificar problemas gerais de língua culta: homônimos, parônimos, sinônimos, antônimos, uso dos porquês.*

Resposta comentada

Esta questão apresenta duas frases retiradas dos textos geradores, para que o aluno observe os aspectos semânticos e gráficos que opõem esses vocábulos. Desse modo, a partir dos dados, os alunos podem depreender generalizações sobre o emprego do porquê.

1. Para identificar o uso do porquê em uma sentença interrogativa, os alunos, provavelmente, tomarão como indício a presença ponto de interrogação ao final da 2ª frase em destaque. Para ampliar essa habilidade, convém reforçar que, quando no início da frase interrogativa, o porquê é grafado sem o acento circunflexo e, quando no final da frase, recebe o acento circunflexo – o que pode ser evidenciado nesta reescritura: “*Devo votar em você, por quê?*”

Lendo as duas frases, repetidamente, o aluno pode perceber uma pequena diferença entre a tonicidade do fonema /e/ nos dois exemplos. O porquê no final apresenta uma tonicidade um pouco maior que o da primeira – o que justifica a acentuação gráfica. Essa estratégia é interessante para que o aluno compreenda, mais facilmente, essa regra de escrita

2. Já na análise do fragmento do texto de Vieira, espera-se que o aluno associe o vocábulo a uma ideia de explicação. Logo, essa análise deve considerar a relação semântica entre os enunciados que compõem o sermão: a oração em destaque apresenta uma resposta/explicação ao questionamento: “Sabeis, Cristãos, a causa por que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações?”. Desse modo, Vieira busca esclarecer que a CAUSA de os sermões gerarem poucos frutos é o fato de as palavras dos pregadores não serem palavras de Deus.

Outra estratégia para que o aluno possa identificar quando deve empregar a conjunção explicativa/causal consiste em substituir a palavra “porque” por outras conjunções ou expressões de valores explicativos como: **pois, uma vez que, para que.**

C. A partir desses itens, o aluno observará a grafia do pronome interrogativo (“por que”/por quê) e da conjunção explicativa/causal (“porque”). Aprofundando o estudo, podem ser apresentados outros usos do “porque”, por meio de uma tabela-síntese, como a que se segue:

Por que	Em perguntas
	Para expressar a ideia de motivo, razão
	Como pronome relativo (pode ser substituído por "pelo qual", "pela qual", pelos quais" etc.)
Por quê?	Em perguntas, no final de frase
Porque	Em respostas e explicações Em perguntas acompanhadas de hipóteses
Porquê	Como substantivo

ATIVIDADE DE PROTEÇÃO TEXTUAL

Questão 9

A paródia, do grego *para* (paralelo) *ode* (canto), pode ser lida como um canto paralelo, a imitação de uma obra de arte. Ela imita o tema e o estilo da obra parodiada para criar um efeito cômico, ridicularizando. A partir dessas informações, crie uma paródia com base no texto gerador III.

Habilidade trabalhada: *Produzir um poema parodístico de um poema barroco (lírico, satírico ou religioso).*

Resposta comentada

Anteriormente, neste Roteiro de Atividades, os alunos tiveram a chance de analisar o texto fonte, o poema satírico de Gregório de Mattos. Logo, eles já terão reconhecido a crítica social apresentada através da descrição da cidade da Bahia. Mas, para a produção textual, é importante demonstrar como a poesia é uma excelente forma de o aluno apresentar sua visão crítica sobre a cidade ou bairro atualmente, mantendo o humor típico da paródia. Para isso, é interessante consultar a seção *Como ensinar?* das Orientações Pedagógicas, que apresenta algumas dicas e exemplos para introduzir esse assunto.

Após a apresentação do conceito e dos exemplos de paródia, pode-se iniciar o processo de escrita. Vale lembrar seus alunos de manterem o texto-fonte em mão durante toda a produção, pois a paródia deve resgatar o máximo de referências a ele. Enquanto eles redigem, pode-se destacar no quadro, de forma resumida, algumas dicas/sugestões para facilitar o processo de produção textual.

Em relação à sua estrutura:

- Utilizar-se da estrutura em versos (metrificadas, como o soneto, ou livres);
- Atender aos aspectos formais da poesia, como a rima, a musicalidade;

- Usar figuras de linguagem, características do estilo Barroco;
- Dar um título criativo.
- Em relação ao conteúdo:
- Manter a temática político-social do texto gerador;
- Apresentar tom contestador e, ao mesmo tempo, reflexivo;
- Permeiar o texto de ironia e humor.

Vale lembrar que, apesar de a paródia ser uma reescritura humorística e, por vezes, apresentar um linguajar considerado de baixo calão ou chulo, no ambiente escolar, deve-se estimular os alunos a produzir textos que contemplem a variante padrão da Língua Portuguesa. Na seção *Como avaliar?* das Orientações Pedagógicas, encontram-se mais parâmetros de correção para a produção textual focalizada neste ciclo.